



## Mulheres cientistas: a Jornada da Heroína na revista *Pesquisa Fapesp*

**Bruna Emy Camargo<sup>1</sup>**  
**Mara Rovida Martini<sup>2</sup>**

Universidade de Sorocaba (Uniso)

**Resumo:** Esta pesquisa identifica momentos da estrutura narrativa da Jornada da Heroína em nove perfis de cientistas mulheres publicados na revista *Pesquisa Fapesp* durante as edições de 2017, ano marcado por uma onda feminista. O problema levantado sugere a presença de elementos do Jornalismo Literário (JL) em produções jornalísticas conhecidas por um suposto formato rigoroso, como acontece no Jornalismo Científico (JC). A base teórica constitui-se por Lima e Martinez, para o JL, e Oliveira, Burkett, Rublescki, Bueno e Colombo e Levy, para o JC. Com aplicação da estrutura narrativa da Jornada da Heroína como metodologia de análise, este estudo relacionou as características dos Jornalisimos Literário e Científico nos perfis do periódico, ainda verificando o espaço da mulher em uma área historicamente masculinizada.

**Palavras-chave:** Jornalismo Científico. Jornalismo Literário. Perfil. Jornada da Heroína.

### 1. Introdução

Quando Galileu Galilei produziu um relato sobre as três luas de Júpiter utilizando linguagem coloquial e acessível, cientistas do mundo inteiro passaram a trocar cartas descrevendo seus trabalhos. Começava ali, no século XVII, a expansão da divulgação

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Jornalismo da Uniso e integrante do grupo de Narrativas Midiáticas (Nami) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Uniso. E-mail: [brunaemy@globo.com](mailto:brunaemy@globo.com).

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, mestre em Comunicação Social pela Faculdade Cásper Líbero e docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Uniso. E-mail: [mara.rovida@prof.uniso.br](mailto:mara.rovida@prof.uniso.br).

científica que, quando profissionalizada, tornou-se o que hoje é chamado de Jornalismo Científico (OLIVEIRA, 2010).

O gênero ganhou destaque durante as guerras mundiais, uma vez que os profissionais da imprensa empenhavam-se em noticiar as tecnologias desenvolvidas pelos combatentes. No Brasil, o processo foi mais lento, com o avanço apenas nas últimas três décadas, dada a consolidação da pesquisa científica nacional e a criação de agências de fomento.

O Jornalismo Científico é um eficaz instrumento para popularizar pesquisas e descobertas científicas nas mais diversas áreas de estudo (COLOMBO; LEVY, 2012). No entanto, a abordagem da mídia limita-se principalmente à mitologia dos resultados, na qual toda a atividade científica está condensada aos resultados – para um maior recorte, àqueles com êxito (CASCAIS, 2003).

Embora o jornalismo seja imediatista e o Jornalismo Científico tenha como característica a objetividade e o rigor das referências, o público busca a narrativa de uma vida cotidiana (MEDINA, 2014). Para tanto, a flexibilidade do Jornalismo Literário pode ser um ganho ao gênero, pois prioriza os meios tanto quanto os fins (PASSOS; PASSOS, 2009).

O Jornalismo Literário baseia-se na narrativa de histórias de vida com uma escrita aprofundada que se apoia em preceitos da literatura, o que permite a ruptura com a rigidez de outros estilos de escrita. Segundo Lima (2014), as produções do gênero têm como características: humanização, compreensão, universalização temática, estilo próprio, voz autoral simbolismo e responsabilidade ética.

Logo, esta pesquisa foi motivada pelo desejo de identificar a aplicação do Jornalismo Literário nas histórias de vida das cientistas da revista *Pesquisa Fapesp*, periódico brasileiro de divulgação científica. A estrutura narrativa da Jornada da Heroína (MARTINEZ, 2008) foi utilizada como metodologia de análise para buscar seus elementos em nove perfis femininos publicados pela revista em 2017, ano em que o feminismo ganhou maior destaque na mídia.

Então, o objetivo deste estudo foi investigar a presença dos elementos da estrutura da Jornada da Heroína nos perfis femininos da revista *Pesquisa Fapesp*. A escolha pelas entrevistas com mulheres no periódico justifica-se pela questão de gênero na ciên-

cia, espaço ainda muito masculinizado, e pelo interesse em saber se os elementos do Jornalismo Literário podem ser inseridos em uma produção especializada como a do Jornalismo Científico. Outro ponto que chama a atenção neste caso é o fato de em 12 edições da revista, nove trazerem um personagem feminino na seção de entrevista.

Este artigo apresenta os principais resultados da pesquisa desenvolvida para compor a monografia avaliada como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade de Sorocaba (Uniso).

## 2. O encontro dos Jornalisimos Científico e Literário

A produção de ciência não é uma prática recente do ser humano, mas sua capacidade de divulgação remete ao século XV, com o advento da imprensa de tipos móveis. Dois séculos depois, o astrônomo italiano Galileu Galilei utilizou uma linguagem coloquial, clara e objetiva no livro *Mensageiro Celeste* para relatar sua descoberta das três luas de Júpiter. Segundo Oliveira (2010), o fato, na época da Revolução Científica inglesa, provocou uma troca de cartas de cientistas de todo o mundo.

A exposição de trabalhos aos públicos de fora da academia marcou o início do Jornalismo Científico que, no século XIX, já havia se expandido pela Europa e pelos Estados Unidos. Uma das maiores contribuições para a popularização do gênero foi a criação da revista *Science*, em 1880 (BURKETT, 1990, p. 30).

Algumas décadas depois, as grandes guerras mundiais aumentaram o interesse de jornalistas em noticiarem as tecnologias que estavam sendo desenvolvidas para o combate, o que exigia a busca por cientistas como fonte. Em 1921, no período entre-guerras, o norte-americano E. W. Scripps viu a oportunidade de mercado e criou o *Science Service*, primeira agência de notícias científicas e existente até hoje.

No Brasil, o gênero chegou junto à imprensa nacional, quando Hipólito da Costa, fundador do *Correio Braziliense*, passou a produzir “notícias e relatos, especialmente, versando sobre as maravilhas da botânica, da agricultura e sobre as doenças que grassavam o seu tempo” (BUENO, 2009, p. 115), no final do século XVIII. O avanço efetivo, porém, foi apenas nas últimas décadas, com a consolidação da pesquisa científica nacional e organização de instituições que visavam à divulgação dos estudos.

Há uma diferença entre divulgação científica e Jornalismo Científico; no primeiro, os próprios cientistas escrevem e falam sobre seus trabalhos, enquanto, no segundo, são os jornalistas quem se encarregam de tornar público os conhecimentos específicos produzidos nas diversas áreas da ciência. Segundo Colombo e Levy (2012, p. 2), o Jornalismo Científico cumpre a difícil tarefa de decodificar informações áridas, uma vez que a prioridade dos veículos de comunicação seja transmitir as informações e até mesmo divulgar conhecimento para saciar o interesse humano, qualquer seja o grupo social.

Burkett (1990, p. 5) afirma tratar-se da socialização do conhecimento, pois “os escritores de ciência consideram que suas carreiras são construídas ao redor de explicar ou traduzir conhecimento científico para pessoas que podem ou não ser cientistas” e a Organização das Nações Unidas (ONU) pontua a importância de permitir o direito à informação.

O gênero, no entanto, enfrenta cinco dificuldades, segundo Rublescki (2009, p. 410): “a) o relacionamento entre cientistas e jornalistas; b) o teor e a procedência das matérias sobre C&T; c) o sensacionalismo da imprensa; d) (des) preparo dos jornalistas; e e) a monofonia”. Há ainda a suposição de Cascais (2013) de que o Jornalismo Científico é feito à base da mitologia de resultados, na qual os processos são resumidos e a notícia fica focada nos resultados – se bem sucedidos, mesmo que não seja apenas o que a área pode oferecer.

Medina (2014, p. 18) lembra que o gênero jornalístico tem como característica “o rigor das referências (dados objetivos, informações colhidas, interpretações especializadas)”, mas que estes paradigmas podem ser rompidos dada a necessidade de expor, conforme a vontade do público receptor, a relação “sujeito/sujeito em lugar da relação sujeito/objeto” (MEDINA, 2013, p. 45). Se esta é a relação que pode ser priorizada, a narrativa de histórias de vida deve ser explorada para trazer luz às pessoas que compõem a ação.

Então, o Jornalismo Literário surge como alternativa pertinente, pois, segundo Pena (2006), potencializa os recursos do jornalismo, ultrapassa os limites do cotidiano, visualiza amplamente a realidade, exerce a cidadania, rompe com as correntes do *lead*, desvia-se dos definidores primários e permite a perenidade do produto.

Todo jornalismo poderia ser considerado literário por fazer uso da escrita, “mas nem toda reportagem vibra na comunhão poética” (MEDINA, 2014, p. 13). O Jornalismo Literário busca potencializar os recursos do jornalismo sem ignorar suas técnicas, vinculando-se historicamente à literatura uma vez que suas origens remontam aos escritores europeus do século XVII, como Daniel Defoe, e à produção de livros-reportagens derivados do material excedente de jornalistas escritores (MARTINEZ, 2016).

A possibilidade de uma narrativa diferenciada em revistas – uma vez que os jornais atentavam-se à objetividade e rapidez do jornalismo diário – amadureceu o Jornalismo Literário. Em 1925, a *The New Yorker* revolucionou a literatura de realidade ao reunir uma geração de profissionais que mantinham voz autoral em histórias centradas em indivíduos – os perfis, que Vilas Boas (2003) caracteriza como uma narrativa que relata a vida de uma pessoa sob determinado enfoque e busca causar empatia pelo personagem, humanizando-o.

Tanto o perfil como o Jornalismo Literário chegaram ao Brasil na segunda metade do século XX, quando, segundo Lima (2014, p. 68), havia uma “ebulição cultural” e “temas fascinantes para a leitura social e humana” despontavam, exigindo uma nova abordagem narrativa – e, para tanto, outros recursos estruturais podem ser explorados.

### **3. A estrutura narrativa da Jornada da Heroína**

A arte de narrar é antiga, mas enquanto as narrativas jornalísticas surgiram efetivamente no século XIX, a consolidação do Jornalismo Literário permitiu “maior abrangência de recursos para a captação e redação de reportagens” (MARTINEZ, 2008, p. 19). Um dos métodos de estruturação narrativa é o da Jornada do Herói, idealizado pelo mitólogo Joseph Campbell, na década de 1940.

Trata-se de um processo no qual uma história é baseada em 17 etapas que devem ser cumpridas por um herói, “entendido como uma pessoa que, por um determinado motivo – seus feitos, seu valor ou sua magnanimidade –, seja escolhida para ser o protagonista de uma escola de vida” (MARTINEZ, 2008, p. 42).

De acordo com Campbell (2005), as etapas são: o chamado da aventura, a recusa do chamado, o auxílio sobrenatural, a passagem pelo primeiro limiar e o ventre da ba-

leia; o caminho de provas, o encontro com a deusa, a mulher como tentação, a sintonia com o pai, a apoteose e a bênção última; e a recusa do retorno, a fuga mágica, o resgate com auxílio externo, a passagem pelo limiar do retorno, senhor dos dois mundos e liberdade para viver.

No entanto, nos anos 1990, a estudiosa Maureen Murdock observou que a Jornada do Herói servia apenas para os homens, não abordando a jornada arquetípica da heroína. Quando Murdock questionou Campbell, ele respondeu que as mulheres não precisariam fazer a jornada, pois elas sempre estão nos lugares em que os heróis buscam chegar (MURDOCK, 2016). Insatisfeita, Murdock produziu o livro *The Heroine's Journey: Woman's Quest for Wholeness* e definiu a Jornada da Heroína, um modelo cíclico descrito em 10 momentos:

1. *Formação do feminino*. Baseada na mãe ou na pessoa ou pessoas que desempenharem este papel.
2. Identificação com o masculino e reunião de aliados: no processo por formar uma identidade, a mulher desvincula-se do modelo da mãe, passando a nortear-se pelo perfil paterno ou de quem desempenhar este papel de Mentor em sua vida.
3. *Caminho das provações, encontrando ogres e dragões*: onde os ogres representam os testes de resistência e, no caso específico feminino, a habilidade em estabelecer limites. Já os dragões representam tradicionalmente a pressão em realizar as demandas sociais. Nesta fase, encontram-se a questão da pseudodependência feminina, o amor romântico – a espera de um homem que solucione miraculosamente todos os problemas – e a problemática da família versus carreira.
4. *Encontrando o boom do sucesso*: o culto da supermulher, próprio dos anos 1980, leva a mulher a não ficar satisfeita ao contemplar tarefas, a impressão de que nunca faz o suficiente.
5. *Despertando os sentimentos da morte espiritual*: etapa de despertar espiritual, na qual a importância do contracheque e a necessidade de aprender a dizer não são permeadas pelo sentimento nostálgico do lar e da vivência em comunidade.
6. *Iniciação e descida à deusa*: os fatores desencadeantes levam a um período de isolamento voluntária, uma espécie de Caverna Profunda feminina, não raro acompanhada de sentimentos de depressão, que se for vivido conscientemente funciona como um tempo transformador de purificação, servindo para fortalecer e clarificar a Jornada.
7. *Apelo urgente para se reconectar com o feminino*: após a vivência da separação, no retorno são enfatizados os aspectos da união do corpo e do espírito, da sexualidade e fertilidade, do feminino enquanto pólo gerador e criador.
8. *Curando a divisão entre mãe e filha*: a Jornada reconduz à mãe, seja física, seja a conexão com a própria Terra.
9. *Curando o masculino ferido*: a mulher de sabedoria pode agora ajudar na cura do homem, ajudando-o a resgatar o coração, ou seja, os valores afetivos.
10. *Integração do masculino e feminino*: o resultado é a integração da natureza dual (grifos no original) (MARTINEZ, 2008, p. 140-141).

Estes momentos mostram que, na Jornada da Heroína, a mulher é primeiro impulsionada pela mente e, depois, pelo coração, em uma integração lenta e sutil do feminino ao masculino. Martinez (2008, p. 264) conclui, então, que “a mulher que empreende a Jornada da Heroína nos moldes masculinos – ir, ver e vencer no mundo – chega ao final com uma sensação de vitória vazia”.

Como Edvaldo Pereira Lima aplicou os estudos da Jornada do Herói às narrativas humanas no jornalismo e, em seguida, Monica Martinez fez o mesmo com a Jornada da Heroína, esta pesquisa baseou-se então na tentativa de identificação destes 10 momentos da história de vida feminina nos perfis de mulheres cientistas publicados pela revista *Pesquisa Fapesp* em 2017. Aqui, a Jornada da Heroína é utilizada como metodologia de análise.

#### **4. A mulher na ciência**

As mulheres sempre estiveram envolvidas com a ciência, embora anteriormente com acesso informal à produção e invisibilizadas pelo patriarcado – enquanto os homens estavam na academia, as esposas eram cientistas apenas em casa (SCHIEBINGER, 2001). O impulso feminino na área veio durante a Segunda Guerra Mundial, quando os homens estavam nos campos de batalha e as mulheres puderam fazer avanços acadêmicos, e na corrida espacial norte-americana, que deu chance às minorias.

No entanto, a inserção da mulher na ciência ainda é marcada por dificuldades e estereótipos. O sexo feminino está vinculado às áreas de educação, saúde e a assistência social – as chamadas ciências *soft* (MELO; OLIVEIRA, 2006) – e tem a capacidade intelectual ocultada por padrões estéticos e comportamentais (CHAVES, 2015).

Em 2017, a revista *Pesquisa Fapesp* publicou entrevistas com mulheres cientistas em nove das 12 edições do ano – marcado por movimentos feministas em destaque na mídia, como a *Marcha Mundial das Mulheres* e o *Me Too*. Sendo a revista *Pesquisa Fapesp* um veículo mensal editado e mantido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) desde 1999 e cujo objetivo básico é “difundir e valorizar os resultados da produção científica e tecnológica brasileira” (FAPESP), o periódico foi escolhido como objeto de estudo desta pesquisa.

Assim, os nove textos selecionados para análise foram das edições de janeiro, abril, maio, junho, julho, agosto, outubro, novembro e dezembro de 2017.

## 5. Resultados

Os nove perfis das cientistas mulheres da revista *Pesquisa Fapesp* publicados em 2017 foram analisados de modo a buscar os 10 momentos da Jornada da Heroína em cada um deles. Os resultados estão descritos nos quadros a seguir.

**Quadro 1 – Incidência dos momentos da Jornada da Heroína na Revista Pesquisa Fapesp no primeiro semestre de 2017**

	Jan/17	Abr/17	Mai/17	Jun/17	Jul/17
1. Formação do feminino	X			X	
2. Identificação com o feminino e reunião de aliados	X		X	X	
3. Caminho das provações, encontrando ogres e dragões		X		X	
4. Encontrando o boom do sucesso	X	X	X	X	X
5. Despertando os sentimentos da morte espiritual					
6. Iniciação e descida à deusa				X	
7. Apelo urgente para se reconectar com o feminino					
8. Curando a divisão entre mãe e filha	X				
9. Curando o masculino ferido					
10. Integração do masculino e do feminino					

Fonte: Elaboração própria

**Quadro 2 – Incidência dos momentos da Jornada da Heroína na Revista Pesquisa Fapesp no segundo semestre de 2017**



	Ago/17	Out/17	Nov/17	Dez/17
1. Formação do feminino				
2. Identificação com o feminino e reunião de aliados	X			X
3. Caminho das provações, encontrando ogres e dragões		X		X
4. Encontrando o boom do sucesso		X		
5. Despertando os sentimentos da morte espiritual		X		X
6. Iniciação e descida à deusa		X		
7. Apelo urgente para se reconectar com o feminino		X		
8. Curando a divisão entre mãe e filha				
9. Curando o masculino ferido				
10. Integração do masculino e do feminino	X			

Fonte: Elaboração própria

A análise indica que há presença dos momentos da Jornada da Heroína propostos por Murdock nos perfis das mulheres cientistas da revista *Pesquisa Fapesp*, embora nem todos os momentos e nem em todos os textos. “Encontrando o boom do sucesso” foi o mais recorrente, enquanto “Curando o masculino ferido” não foi encontrado. O perfil de novembro, único derivado de uma reportagem de capa da revista, não apresentou nenhum momento da estrutura narrativa.

Este estudo ainda identificou que predominavam nos perfis as perguntas estritamente profissionais em detrimento das pessoais – compreensível, uma vez que a revista *Pesquisa Fapesp* é um periódico de divulgação científica e dá enfoque maior ao produto que ao produtor. Porém, enquanto as perguntas profissionais estavam ligadas à experiência acadêmica e desenvolvimento de pesquisas, as poucas questões pessoais insistiam na curiosidade sobre matrimônio e maternidade. Para Schiebinger (2001, p. 182), isso

reflete o fato de a sociedade ainda esperar que “as mulheres, mais que os homens, ponham a família à frente da carreira”.

Outro dado levantado neste estudo foi que as entrevistadas nas nove edições da revista *Pesquisa Fapesp* analisadas têm de 36 a 92 anos, o que resulta em uma média de idade de 72 anos. Esse fator reflete o pioneirismo das mulheres nas áreas e assuntos ainda não dominados pelos homens – como etnoestética (edição 251), macrometrópoles (edição 254) e cristografia (edição 258), por exemplo –, fosse por divergências de interesse ou simplesmente visão de mais possibilidades (NOGUEIRA, 2005 *apud* MOREIRA *et al.*, 2010, p. 7).

Portanto, as mulheres cientistas perfiladas na revista *Pesquisa Fapesp* em 2017 desbravaram suas áreas de estudo mesmo com o machismo historicamente presente na ciência. Mesmo enfrentando estereótipos nos textos que lhes dão destaque, conquistaram espaço considerável na publicação de divulgação científica que aplicou elementos de uma estrutura narrativa do Jornalismo Literário para contar histórias de vida.

## 6. Considerações Finais

Este estudo iniciou-se com a proposta de investigar a presença dos elementos da estrutura da Jornada da Heroína nos perfis femininos da revista *Pesquisa Fapesp*, objetivo geral que acreditamos ter sido cumprido. A análise identificou a existência de momentos da Jornada da Heroína em oito dos nove textos, constatando a presença do Jornalismo Literário em produções do Jornalismo Científico.

Verificamos, com a base teórica, que as mulheres conquistaram e continuam conquistando espaço na ciência, mas que ainda há estereótipos a serem quebrados para que não fiquem restritas aos assuntos *soft* ou que tenham seu profissionalismo ofuscado pelo gênero. A presença das cientistas mulheres na mídia não apenas reconhece o êxito das pesquisadoras como pode incentivar quem busca essa carreira.

Esta pesquisa partiu da hipótese de que elementos do Jornalismo Literário poderiam estar presentes em produções conhecidas por um suposto formato rigoroso, como o do Jornalismo Científico. Modelos narrativos mais envolventes podem refletir em uma comunicação dialógica mais eficiente (MEDINA, 2014) e, a presença, ainda que tímida,

de estruturas narrativas do Jornalismo Literário nos perfis da revista *Pesquisa Fapesp* pode representar uma possibilidade de maior abertura para reformular e repensar paradigmas que desviem da sisudez para despertar maior interesse em produções tão especializadas.

Ainda, o estudo destaca a pertinência do debate sobre gênero não só na ciência, mas em diversas esferas sociais, uma vez que o tema vem ganhando atenção midiática e a discussão está sendo fomentada. O jornalismo parece, nesse sentido, estar acompanhando e adaptando-se às transformações sociais.

## Referências

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma longa trajetória. In: PORTO, Cristiane de Magalhães (org.). **Difusão e cultura científica**: alguns recortes [online]. Salvador: EDUFBA, 2009.

BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico**: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CASCAIS, António Fernando. Divulgação Científica: a mitologia dos resultados. In: SOUSA, Cidoval M.; MARQUES, Nuno P.; SILVEIRA, Tatiana (orgs.). **A comunicação pública da ciência**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

CHAVES, Fabiana Nogueira. A mídia, a naturalização do machismo e a necessidade da educação em direitos humanos para comunicadores. In: **XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Intercom**, 14, 2015, Manaus, AM.

COLOMBO, Macri Elaine; LEVY, Denize Piccolotto Carvalho. Jornalismo científico: divulgação ou disseminação, e sua relação com os cientistas. In: **8º Interprogramas de Mestrado em Comunicação – Faculdade Cásper Líbero**, 8, 2012, São Paulo, SP.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para iniciantes**. São Paulo: Edusp, 2014.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do Herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MEDINA, Cremilda. Narrativas da Contemporaneidade: epistemologia do diálogo social. **Tríade: comunicação, cultura e mídia**, n. 4, p. 8-22, 2014.

\_\_\_\_\_. Novas manifestações, velhos paradigmas. **Matrizes**, n. 2, p. 37-47, 2013.

MELO, Hildete Pereira de; OLIVEIRA, André Barbosa. A produção científica brasileira no feminino. **Cadernos Pagu**, n. 27, p. 301-331, 2006.

MURDOCK, Maureen. **Articles:** The Heroine's Journey. Disponível em <http://www.maureenmurdock.com/articles/articles-the-heroines-journey/>. Acesso em 08/03/2018.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2010.

PASSOS, Mateus Yuri; PASSOS, Indira Clara. Jornalismo literário e representações imersivas de ciência. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, n. 1, p. 111-126, 2009.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PESQUISA Fapesp. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/>. Acesso em: 12/03/2017.

RUBLECKI, Anelise. Jornalismo Científico: problemas recorrentes e novas perspectivas. **PontodeAcesso**, n. 3 , p. 407-427, 2009.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: Edusc, 2001.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis:** e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.